

A DIMENSÃO SIMBÓLICA E EMBLEMÁTICA NAS “DIVISAS” DAS RELIGIOSAS NAS AVES ILLUSTRADAS DE SOROR MARIA DO CÉU (1734)

LUCÍLIA DIDIER
CITCEM – UNIVERSIDADE DO PORTO
<https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi30a5>
ldidier@aluplasto.pt

RESUMO: A obra *Aves Ilustradas em avisos para as Religiosas servirem os ofícios nos seus Mosteiros*, publicada em 1734, de Soror Maria do Céu (1658-1753), consiste numa série de catorze discursos escritos em tom de fábula e apólogo, em que as aves adquirem a capacidade simbólica e alegórica de transmitir os valores e ensinamentos morais às religiosas do mosteiro, constituindo cada discurso uma espécie de “divisa” para cada função que poderá permitir atribuir a esta obra, de forma atípica, um lugar na literatura emblemática.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura alegórica conventual; Simbolismo; Literatura emblemática.

ABSTRACT: The work *Aves Ilustradas em avisos para as Religiosas servirem os ofícios nos seus Mosteiros*, by Soror Maria do Céu (1658-1753), published in 1734, consists of a series of fourteen speeches written as fables or apologues where birds receive the allegorical and symbolic capacity of transmitting the moral values and teachings to the convent nuns, consisting each speech in a kind of “device” for each convent labour that could allow this work to be considered as an atypical form of emblematic literature.

KEYWORDS: Conventual allegorical literature; symbolics, emblematics.

Curioso e singular exemplo da mais elaborada narrativa alegórica conventual do barroco português, a obra *Aves Ilustradas em avisos para as Religiosas servirem os ofícios nos seus Mosteiros*¹, publicada em 1734, de Soror Maria do Céu (1658-1753), religiosa do Convento da Esperança de Lisboa, consiste numa série de catorze discursos escritos em tom de fábula e apólogo² que terminam cada

¹ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas em avisos para as Religiosas servirem os ofícios dos seus Mosteiros*. Lisboa: Miguel Rodrigues, 1734.

² HATHERLY, Ana - *A Preciosa de Soror Maria do Céu*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990, p.XLVII. “De *Aves Ilustradas*, uma colectânea de catorze apólogos, ocupou-se, em *Novelistas e Contistas Portugueses dos séculos XVII e XVIII*, João Palma Ferreira, que os considerou como “autênticos contos de exemplo”

um com um poema em verso heptassilábico com "clara intenção moral"³. Nas *Aves Ilustradas*, as aves interagem com os humanos adquirindo a capacidade de falar, como é usual nas fábulas em que o ensinamento moral é resultante de um episódio, colhendo o seu pensamento discursivo na tradição simbólica e emblemática a essência que permite à autora, através das aves, transmitir os conselhos e ensinamentos às religiosas como substrato exemplar "ilustrado" ou esclarecido pela luz divina, estando a recomendação moral no cerne da própria mensagem.

Nesta obra, as aves "ilustradas", ou esclarecidas, pelo sol através da águia que, respetivamente, poderíamos interpretar num primeiro momento como símbolos de Deus e da religião que "re-liga" as religiosas com o poder divino, são as protagonistas de um discurso alegórico que se interliga e se desdobra numa profusão de contos, histórias, exemplos e alusões que fundamentam, corroboram e ilustram as regras de cada ofício do convento, fazendo lembrar, no seu encadeamento quase "hipnótico", as inesgotáveis narrativas da tradição oriental. Aliando o *prodesse* ao *delectare*⁴, a religiosa claríssima combina eficazmente o rigor dos ensinamentos que constituem o objetivo primordial do livro, com uma elaborada técnica discursiva, marcadamente alegórica, que muitas vezes se aproxima da parenética sacra, na qual colhe exemplos:

Tudo esteve observando a ave ilustrada; e articulando a voz, disse a Religiosa: Notey, senhora, o grande cuydado, com que beneficiais esta planta e me lembrou como aquella Mestre dos Pregadores, Monarca dos

(362), que de facto são, e onde podemos ver aplicados alguns dos preceitos recomendados por Gracián no Discurso LIX da sua *Agudeza y Arte de ingenio*, onde fala sobre "la ingeniosa aplicación y uso de la erudición noticiosa". João Gaspar Simões, na sua História do Romance Português, onde apenas cita o título de A Preciosa, também se refere às *Aves Ilustradas*, dedicando-lhe algumas palavras elogiosas".

3 MORUJÃO, Isabel - *Por Trás da Grade: Poesia Conventual Feminina em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2013, p. 600. "Soror Maria do Céu é, talvez, uma das religiosas que cultivaram poesias de brinco poético, que facilmente se enquadravam nestes momentos de distração santa, e que tematizavam muitas vezes flores e frutos. Por detrás da sua função de entretenimento e de passatempo, estas poesias evidenciam também uma clara intenção moral. Chamemos-lhe "ramalhetes", apropriando-nos de uma expressão que a piedade religiosa utilizava para designar os conjuntos de orações oferecidas para uma intenção particular".

⁴ HATHERLY, Ana - *A Preciosa de Soror Maria do Céu*. Ed. Cit., p. XLVII. "(...) característica das narrativas de Soror Maria do Céu, onde a autora frequentemente combina uma escrita rigorosa com os voos duma imaginação fecunda, produzindo composições austeras pelos propósitos mas luxuriantemente artísticas pela invenção e pelos recursos estilísticos que sabiamente emprega." p. LIII "A nosso ver, e sem desejarmos de modo algum por em causa nem a sua religiosidade, nem o seu misticismo, nem a profunda visão espiritual que as suas obras de facto transmitem, Soror Maria do Céu escreveu para ensinar, para transmitir uma visão com fins didático-religiosos e levou a cabo essa tarefa recorrendo a símbolos tradicionais, apoiando-se no método de *instruir recreando*. Essa observância do clássico *prodesse et delectare* e o talento criador que nesse processo exhibe, pelo menos para o leitor do século XX que pense como nós, fazem com que a sua obra seja realmente uma criação artística e não um mero preceituário de catequese conventual. Esse facto é o que a torna para nós, hoje, uma obra singularmente válida, viva, emocionante."

*Pulpitos, Oráculo dos ouvintes, aquelle, que das conchas mais toscas sabia tirar as perolas mais finas, o graõ Vieira, dissera em hum sermão aos circunstantes: Tratay a vossa alma, como tratais ao vosso cavallo; lembroume para dizervos a vós, que trateis as vossas noviças, assim como tratais ao vosso craveiro; são plantas, que creais para Deus, e não flores, que creais para vós*⁵.

Símbolos da ligação entre o céu e a terra e em que a palavra em grego é sinónimo de presságio e de mensagem celestial⁶, as aves são os arautos das virtudes e das regras que devem ser observadas no desempenho dos ofícios do convento, como um "manual de perfeita religiosa"⁷. A própria Soror Maria do Céu foi duas vezes Abadessa, uma vez Porteira e uma vez Mestra das Noviças⁸, de forma que terá experienciado muito de perto as implicações dos ofícios do mosteiro. A narrativa alegórica oscila pendularmente entre dois espaços diegéticos, o do convento e o de um "mundo" que é permanentemente apresentado nos exemplos, fábulas, histórias e casos, como forma de deleitar, deslumbrando pela novidade e compensando com a segurança e a paz dos claustros a reclusão das religiosas. Um "mundo exterior" que não é o real ou o histórico – as referências históricas⁹ e geográficas¹⁰ específicas são raras, existindo estas últimas sobretudo por referência a um convento¹¹ escolhido por algum "sucesso" prodigioso ou exemplar - mas sim construído a partir das narrativas episódicas, mitológicas, literárias e religiosas. As religiosas, nesta obra, estão num espaço intermédio entre o mundo, do qual supostamente já não fazem parte mas do qual ainda

⁵ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., IV, p. 39-40.

⁶ CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain - *Dicionário dos símbolos*, traduzido por Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Editorial Teorema, 1982.

⁷ MORUJÃO, Isabel - *Por Trás da Grade: Poesia Conventual Feminina em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*, Ed. Cit., p. 605-606. "O quotidiano das religiosas, em vários dos seus aspetos, era, como se tem vindo a ver, objeto de poetização, às vezes como modo de repisar estilos de vida, de interiorizar preceitos, de facilitar a vivência de algumas formas mais radicais da experiência religiosa, que implicam sacrifício e desprezo de si mesmo. A poesia carmelita foi, nesse sentido, modelar nesta função formadora, embora não se deva esquecer todo um conjunto de textos normativo-literários produzidos na clausura para a clausura. Basta pensar-se na obra da claríssima Soror Maria do Céu, que, em *Aves Ilustradas em Avisos para as religiosas servirem os ofícios dos seus mosteiros*, deu corpo a um conjunto de virtudes e atitudes que, ordenadas por vozes de animais, tornou mais expressiva a necessidade de um caminho de perfeição, funcionando, de certo modo como um manual de perfeita religiosa (...)"

⁸ HATHERLY, Ana - *A Preciosa de Soror Maria do Céu*. Ed. Cit., p. XVII.

⁹ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., VI, p. 76. "Bem o houvesse D. Manuel Rey o felice que das primicias do Oriente fez prato para a iguaria do Ceo. Bem o houvesse o illustrissimo D. Aleixo de Menezes, que escapou das joyas da Rainha de Hespanha o cofre, que o Principe infel mandou para o Senhor do universo, comprado com oitenta mil cruzados, e só pago em ser depósito de tal thesouro. Bem o hajaõ com o nosso serenissimo D. Joaõ o V. (...)".

¹⁰ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., XIII, p. 145. Referência aos rios Nilo, Ganges, Tigre e Eufrates.

¹¹ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., III, p. 36. "e o Caso do Convento de Varatojo"; VII p. 85. Mosteiro das Carmelitas Descalças em Cidade Real.

carregam as marcas da humanidade "bruta", e o céu, na sua senda de virtude e perfeição, do qual o mosteiro está ideal e alegoricamente mais próximo: "o mosteiro he Ceo, onde as Religiosas são estrelas"¹². É interessante verificar que, de alguma forma, essa humanidade bruta das religiosas pode ser implicitamente comparada com a essência bruta das aves que, através do discurso, evoluem e adquirem a capacidade simbólica de ensinar as religiosas que, esclarecidas ou ilustradas pela exortação simbólica e moral, se aproximam de Deus:

*Chegou hum dia, em que fallaraõ os brutos como os homens, de alguns, em que houve homens, que fallaraõ como brutos: houve uma hora em que que as aves mostráraõ mais liberdade nos bicos, do que nas azas; com estas cortaõ o ar, com estes ensinaõ agora aos racionaes: illustradas pela aguia sua Rainha, que bebe luzes na esfera do sol, se atreveraõ a dar documentos aos homens; começaraõ a missão pelos claustros; que aonde são mais obrigatorias as virtudes, estaõ mais importantes os avisos, e nestes não se deve olhar a quem os dá, mas só ao que são.*¹³

Assim, as quinze aves e as respetivas qualidades simbólicas nos catorze discursos¹⁴ são, uma a uma, associadas a cada uma das funções das religiosas como se uma divisa ou empresa se tratasse em que a ave é associada a um ou mais conceitos simbólicos, pela positiva¹⁵, ou à prevenção de vícios, pela negativa¹⁶. Na introdução da Divisa I, que funciona como prólogo, a águia, rainha das aves, com o mote da sabedoria divina será possivelmente a "divisa" da Religião, mas também implicitamente a "divisa" espiritual da Abadessa, a "rainha" do mosteiro, que representa e transmite a sabedoria divina, sendo a águia a ave que curiosamente também se afirma com uma presença zelosa ao longo dos restantes Discursos¹⁷. Nos catorze Discursos as "imagens" das aves estão associadas a "lemas" atribuídos a cada função, ambos retirados da ideia e conceito do texto: o pavão com a sua qualidade simbólica de vigilância, no caso concreto, da

¹² CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VII, p. 82.

¹³ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., I, p. 1.

¹⁴ O Discurso I evoca a águia e o pavão.

¹⁵ É o caso da águia e do pavão no Discurso I ou do galo do Discurso VII, por exemplo.

¹⁶ É o caso dos exemplos das aves que lembram um vício que deve ser evitado como o papagaio do Discurso VIII pela prolixidade, da pega do Discurso IX pelo furto ou da rola do Discurso X pela voracidade.

¹⁷ As alusões à águia estão, para além da introdução do Discurso I, na p. 11 do mesmo discurso "estimay os avizos de huma ave, a quem a aguia communicou a luz, que beboo no Sol"; no Discurso II, p. 25, "Tenho, senhora, apurado em este breve discurso as luzes, de que a águia me fez hoje graça"; no Discurso IV, p. 51, Apólogo das abelhas e da águia; no Discurso VI, p. 73-74, Conto do Galo e da Pérola "resolveuse em ir consultar a aguia, e acertou; que o buscar o conselho dos sabios he segura o acerto das açcoens", "ouviu a aguia com grande atençaõ ao gallo, e depois de fixar os olhos em seu Deos o Sol, respondeo illustrada", "Repartio o gallo o seu achado conforme a sentença da aguia, que a muytos pode deyxar illustrados, e a todos advertidos".

castidade e da virtude é associado à Prelada; a andorinha traduz o silêncio, a paz e a união que deve ser promovida pela Vigária da Casa; a chamariz, pelo seu nome, é associada ao despertar para a vida espiritual que a Vigária do Coro deve incentivar; o pintassilgo simboliza a obediência e a disciplina que a Mestra das Noviças deve assegurar; o pardal lembra os valores do respeito e da tolerância à Madre das Confissões; o rouxinol simboliza a guarda e a conservação do templo que as Sacristãs devem assegurar; o galo traduz o zelo e o decoro na guarda da Casa de Deus que a Porteira deve observar; o papagaio previne a Rodeira da necessidade da discrição no contacto com o mundo exterior mas também da caridade e da providência divina; a pega admoesta a Escrivã na necessidade da justiça e boa administração dos bens do mosteiro; a rola lembra à Celeireira a boa gestão do celeiro; o ganso recorda à Provisora a temperança e o bom senso na sua gestão; a pomba simboliza a humildade, misericórdia e paciência como essências da função da Enfermeira; a cegonha transmite à Refeitoreira a importância do alimento espiritual; a coruja simboliza os valores da simplicidade e do asseio à Roupeira. Todas estas aves se inserem na tradição simbólica e emblemática¹⁸ e a sua simbologia ou as suas características são utilizadas na construção das „divisas“. Através destes conceitos declinados em exemplos e avisos morais às religiosas, Soror Maria do Céu, compara "estas Dianas de Deos"¹⁹, na sua essência de perfeição, com as Vestais²⁰ dos templos pagãos que devem ser "veneradas como deusas"²¹. Verdadeiras pérolas dos tesouros de Deus e do Convento, a autora compara os respetivos ofícios a tarefas divinas, como é o caso, a título de exemplo, da Vigária do Coro, relativamente à qual "já que a

¹⁸ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium. Las aves en los libros de emblemas y empresas de los siglos XVI y XVII*. A Coruña: SIELAE, 2010. Todas as aves constantes dos catorze discursos merecem destaque nesta obra de referência sobre as aves na tradição emblemática, à exceção do chamariz (*serinus serinus*) que aparece em plano secundário, associado a outras aves (p. 516 e 547); ALCIATO, Andrea - *Los Emblemas de Alciato, Traducidos en Rimas Españolas. Lion 1549*, Edição de Rafael Zafra, Barcelona: Edicions UIB, 2003. A partir de uma breve consulta de uma edição espanhola de 1549 dos emblemas de Alciato (1492-1550, constatamos que as representações das aves que coincidem com as protagonistas das *Aves Ilustradas* são a águia no emblema 4 *In Deo laetandum* p. 53, emblema 33 *Signa Fortium* (p.112), emblema 103 *Quae supra nos, nihil ad nos* (p. 49) e emblema 169 *minimis quoque timendum* (p. 77); a andorinha no emblema 54 *Ei, qui semel sus prodegerit, aliena credit non oportere* (p. 132) e no emblema 70 *Garrulitas* (p. 230); a pomba no emblema 194 *Amor filiorum* (p.66) e a cegonha no emblema 30 *Gratiam Referendam* (p.23). Verificamos que a águia coincide na sua ligação com Deus, na força e no conhecimento (scientia) e a pomba no amor pelos outros (no caso das *Aves Ilustradas* a religiosa enfermeira é a "mãe" das suas doentes). Já as correspondências são menos evidentes no caso da cegonha (que em Alciato simboliza a gratidão e nas *Aves Ilustradas* o alimento espiritual), da rola (castidade em Alciato e a boa administração nas *Aves Ilustradas*, embora a castidade seja uma qualidade presente nesta última). Escolhemos a numeração estabelecida por Peter Daly na sua obra de 1985 (DALY, Peter - *Index Emblematicus: Andreas Alciatus, 1. The Latin Emblems: Indexes and Lists*, Toronto: Toronto University Press, 1985.) constante da Tabela da Edição de Rafael Zafra p. 42-48.

¹⁹ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VII, p. 82.

²⁰ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VI, p. 62.

²¹ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., I, p. 6.

natureza vos fez huma mulher a graça vos assemelhe a uma divindade”²².

Neste trabalho, procuramos demonstrar, apoiando-nos na ideia originalmente desenvolvida por Isabel Morujão²³, a possibilidade de as *Aves Ilustradas* inscreverem na tipologia – embora atípica, porque não assume a estrutura de um livro de emblemas, *lato sensu*, ou de divisa, *stricto sensu* – de uma obra de dimensão emblemática e simbólica, contendo os elementos que permitiriam facilmente convertê-la num pequeno livro de emblemas ou de divisas. A abordagem de Isabel Morujão reside na possível existência de painéis de azulejos no Convento da Esperança de Lisboa, que constituiriam a imagem ou *pictura*, com ou sem mote ou lema, relativamente às quais o livro das *Aves Ilustradas* constituiria a *subscriptio* ou comentário, sugerindo uma leitura paralela ou até acompanhada com as representações gráficas em azulejos desses claustros, em que quatro representavam aves, pavões, papagaios e muito provavelmente águias, constituindo, conforme refere Sara Augusto, referindo-se aos painéis de azulejos provenientes do Mosteiro da Esperança de Lisboa, que constituíram a “singular correspondência entre a representação pictórica da azulejaria e os temas preponderantes da produção literária.”²⁴. Podendo ser os motivos dos azulejos

²² CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., III, p. 28-29.

²³ MORUJÃO, Isabel - *Emblemas e Problemas em Aves ilustradas em avisos*. In ARELLANO, Ignacio; PEREIRA, Ana Martínez (eds.), *Emblemática y religión en la Península Ibérica (Siglo de Oro)*. Madrid: Iberoamericana-Vervuert, 2010, p. 283-301.

²⁴ AUGUSTO, Sara - *No Reino da Ficção: o Espaço e a Literatura Conventuais*. Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Ibero-Americano. 2006, p. 1342-1345. “O primeiro grupo corresponde ao conjunto da produção de azulejaria de meados do século XVII, constituída por azulejo brutesco, composto em silhar ou em tapete, e por painéis de vasos floridos. (...) Pelas quatro albarradas e pelos dois painéis figurativos, que constituem os exemplares conhecidos, multiplicam-se as aves e as flores. À exuberância dos arranjos florais, de diversas e coloridas formas, corresponde o carácter exótico e fantástico das aves que ladeiam os vasos, sustentados por sátiros e decorados com carrancas e frutos. Entre as composições florais ajeitam e pousam pequenas pegas, acompanhadas dos papagaios, pavões e aves do paraíso pousados na base, em simetria. Desde o final do século XVI que seria este o cenário do claustro do Convento da Esperança, com grande “repartimento de alegretes de azulejo”. O significado dos elementos decorativos já foi sendo explicado, atribuindo às flores a virtude da Esperança e ao Pavão a vitória sobre a Morte, tal como foi dada a relevância devida à obra de Frei Isidoro de Barreira, o Tratado das Significações das Plantas, Flores, e Frutos, de 1698/11, como fonte de interpretação aplicável tanto às artes pictóricas como literárias. No que diz respeito às aves, a sua alegorização tinha como esteio toda uma tradição, manifesta nos bestiários e nos livros de aves, que descobria nas coisas da natureza símbolos da criação divina, e que foi recuperada na arte barroca, conjugando a lição tradicional com o gosto pela alegoria e pela procura de novas analogias. É todo este universo alegórico que perpassa igualmente pela obra literária de Soror Maria do Céu (1658-1753), duas vezes abadessa do Convento da Esperança. Levada por um sério intuito pedagógico e moralizador, Maria do Céu recorreu por sistema à dupla estrutura da alegoria, conjugando o deleite e a fruição do enredo com a lição que se propunha transmitir, processo exigido pela ortodoxia do contexto religioso. São três as obras em que as aves e as flores se multiplicam, se animizam, assumindo forma e voz, portadoras de sentidos edificantes: Escarmentos de Flores, ms. datado de 1681; Aves ilustradas em avisos para as Religiosas servirem os ofícios dos seus Mosteiros, de 1734, e Metáforas das Flores mostradas em documentos mui proveitosos, publicada em Obras Várias e Admiráveis, de 1735. Quanto às Aves ilustradas, obra publicada em 1734, constitui um fabulário cuja principal virtude claramente enunciada na folha de rosto seria constituir um conjunto de “avisos para as Religiosas servirem os ofícios de seus Mosteiros”. Este conjunto de avisos foi organizado em catorze discursos, correspondendo a catorze aves diferentes, em que cada uma se constitui como narradora e como voz pronunciadora de conselhos

dos claustros do Mosteiro da Esperança uma das fontes de inspiração das *Aves Ilustradas*, essas representações gráficas poderiam ainda ser coadjuvantes da leitura e reflexão das religiosas, ponto de partida em sintonia com os princípios de meditação contemplativa inaciana, num contexto de uma dupla leitura visual, a da obra e a dos azulejos, ou a de uma leitura visual complementada pelo ouvido – a leitura em voz alta para outrem ouvir.

Este nosso estudo pretende explorar uma outra possibilidade, a de encontrar no próprio texto da obra a sugestão dos elementos da imagem, ou *pictura*, e do lema, ou *inscriptio*, que poderiam inscrever a obra numa tipologia de literatura proto-emblemática ou atípica, de empresas ou divisas, se atendermos ao facto de as mensagens se apresentarem particularizadas às funções da comunidade das religiosas do mosteiro.

Começamos por sintetizar os temas dos catorze discursos, em que a própria organização da obra já individualiza, com a sugestão de uma imagem, atribuída a uma função com um ou mais conceitos simbólicos agregados, para partirmos para uma hipótese de uma aproximação da estrutura da obra com a tradição emblemática, como se os catorze discursos pudessem constituir em essência outras tantas divisas da forma que descreveremos adiante no Quadro I. Os avisos, explicações e exemplos, por vezes extensos, ajudam-nos a entender o tema, constituindo mesmo uma espécie de glosa, ou *subscriptio*, do tema principal.

No Discurso I está incluída uma pequena introdução que estabelece a convenção ficcional de toda a obra e que sugere uma espécie de inversão da ordem do mundo. Por um dia, as aves deixaram de ser “brutas” e falaram como os homens, compensando os muitos dias em que os homens falaram como brutos, já que o que concede a “humanidade”, paralelamente à capacidade de verbalização, é o conhecimento divino por oposição à ignorância que remete os homens a uma condição animal. E neste “dia”, um tempo sem tempo, as

destinados a distintas funções desempenhadas pelas religiosas. Para além do simbolismo individual, torna-se mais evidente a analogia entre cada ave e as suas características e a função específica de cada religiosa, como é possível perceber pelo “Index dos discursos, de que se compõe este livro”. Entre as diversas aves, o pavão empresta os “olhos” da cauda à Madre Abadessa, para vigiar o seu mosteiro; o Papagaio ensina à Rodeira o valor do silêncio; e a Pega recomenda à Escrivã o máximo de rigor nas contas do mosteiro. Por estes exemplos, podemos mostrar a importância da alegoria e da fábula no contexto didáctico e religioso conventual de Seiscentos. A representação na azulejaria, lado a lado, de cenas hagiográficas e de cenas profanas não constituiu um procedimento irregular ou insólito nos espaços religiosos na época barroca. Da mesma forma, foi prática comum na produção literária conventual. O caso do Convento da Esperança será um dos mais significativos, com a produção literária de Soror Maria do Céu e Soror Madalena da Glória, nos seus diversos géneros e temas. O facto que nos pareceu digno de relevo e que procurámos demonstrar foi a singular correspondência entre a representação pictórica da azulejaria e os temas preponderantes da produção literária. Terão constituído partes distintas mas complementares de um programa comum da expressão da vivência religiosa e da mundividência barroca.”

aves foram mais livres a falar do que a voar e, esclarecidas pela águia²⁵, rainha dos céus, símbolo da religião e que também poderia ser a divisa espiritual da Abadessa, *rainha* do mosteiro, cuja fonte de conhecimento está em Deus (o Sol), iniciam a sua missão junto das escolhidas de Cristo, avisando-as das virtudes obrigatórias a seguir, seguindo o velho provérbio popular, "olha para o que digo e não olhes para o que faço (ou quem sou)"²⁶. Na tradição emblemática, a águia é frequentemente associada ao sol como símbolo de renovação cristã e do pensamento orientado para Deus²⁷, como é o caso, por exemplo, da empresa *Vetustate Relicta* de Juan de Borja.²⁸

Subordinado ao tema da vigilância da castidade e da virtude, este primeiro discurso, *O Pavão à Prelada* - a Abadessa na sua função de administração terrena deste mosteiro imaginário, sinédoque de todos os mosteiros do mundo -, é dominado pelo signo da visão, os "olhos" transferidos da penugem do Pavão são solicitados para vigiar a virtude do mosteiro e, não sendo suficientes, podem ser coadjuvados pelo amor e misericórdia dos olhos da pomba, a prudência dos olhos da serpente, a atenção constante dos olhos do leão, a justiça que resulta da combinação entre a sagacidade dos olhos do lince e a capacidade de perdoar dos olhos da toupeira, a inspiração divina dos olhos da águia e a abrangência dos "olhos de todos" para a tarefa mais difícil, a auto-análise: "o amor proprio he muito cego, ha de mister muyta luz para se conhecer; exame de mim para mim he exame grosso; exame de outrem para mim he exame delicado"²⁹. Consagrado a Hera/Juno, o pavão, é associado à vigilância e à visão na tradição simbólica e mitológica, mais particularmente associado ao relato mitológico da ninfa Io, entregue à guarda de Argos por Hera, por ciúmes de Zeus que decapita Argos e cujos olhos são colocados na cauda da ave favorita de Juno³⁰. Na tradição emblemática, o pavão é associado à valorização das virtudes próprias, à humildade e ao pudor³¹. A visão, agora do ponto de vista

²⁵ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium...* Ed. Cit. p. 118-168 e p. 746.

²⁶ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., I, p. 1. „Chegou hum dia, em que falarão os brutos como os homens, de alguns em que houve homens, que falarão como brutos; houve huma hora em que as aves mostrarão mais liberdade nos bicos, do que nas azas; com estas cortaõ o ar, com estes ensinaõ agora aos racionais; ilustradas pela águia sua Rainha, que bebe luzes na esfera do Sol, se atreverão a dar documentos aos homens y começaraõ a missaõ pelos claustros; que aonde saõ mais obrigatorias as virtudes, estaõ mais importantes os avisos, e nestes não se deve olhar a quem os dá, mas só ao que são.”

²⁷ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium...* Ed. Cit. p. 135 (luta contra o pecado), p. 142 (no sentido do pensamento orientado para Deus), p. 144, p. 149 a 153 (águia associada ao sol como símbolo de renovação cristã); p. 746.

²⁸ BORJA, Juan de - *Empresas Morales*, Praga: Jorge Nigrin, 1587, Empresa 7.; GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium...* Ed. Cit. p. 152-153.

²⁹ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., I, p. 4.

³⁰ ARRANZ - *Symbola et emblemata avium...* Ed. Cit., p. 635-636.

³¹ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium...* Ed. Cit., p. 632-651 e p. 751.

do objeto, distingue os tipos de mulher, definidos pelos olhos alheios, os dos homens para as mulheres comuns "vegetativas, e sensitivas"³² e os de Deus, que destinou as religiosas só para si. Pela negativa, a ausência de visão, ou recato, está patente na alusão ao ciúme do esposo do Cântico dos Cânticos, e domina o tema do conto do casamento do sol, possível metáfora do compromisso das esposas de Cristo, "pedindovos primeyro o não tomeis como fabula senaõ como exemplo"³³, provavelmente inspirado no nome da fábula homónima de Esopo. O exotismo de terras distantes inspira o "caso verdadeiro" de uma religiosa que pelo seu recato e castidade converteu um cacique índio. O discurso termina com uma conclusão:

Estes são, senhora, os exemplos, que deveis estimar, e aquella he a vigilancia, que deveis ter, para a qual vos disse serem poucos os meus olhos, porque necessitais de tantos mais; estimay os avizos de huma ave, a quem a aguia communicou a luz, que bebeo no Sol³⁴.

Subordinado ao tema da união, da paz e do silêncio e regido pelos sentidos da fala e do ouvido, o segundo Discurso, *A Andorinha à Vigária da Casa*, a "segunda Prelada" do convento, apela à contenção das palavras por parte das religiosas que "em nenhum tempo deviaõ falar mais que o preciso"³⁵, sobretudo para evitar a maledicência e favorecer a união - "sede vós em o vosso mosteiro a deusa da paz"³⁶ -, a regra mais importante da administração de um convento, já que "hum mosteyro he huma republica pequena; em esta se o povo não he bem regido, tudo vai desordenado"³⁷, chamando a atenção para o exemplo das superiores perante as suas subordinadas, pois "pelos senhores não se conhecem os servos, mas pelos servos os senhores"³⁸. A seguinte descrição apresenta uma elevada intensidade metafórica e emblemática através da qual se poderia construir uma imagem: "Hum mosteiro sem uniaõ he como hum relógio desconcertado, tudo he tempo confuso, horas perdidas, cordas quebradas: huma congregação de Religiosas he um retrato do Ceo, se tem paz, e he um bosquejo do inferno se a não tem"³⁹. Estas características seguem a tradição emblemática em que a andorinha é associada, nas virtudes à eloquência, ao arrependimento

³² CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., I, p. 5.

³³ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., I, p. 7.

³⁴ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., I, p. 8.

³⁵ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., II, p. 15.

³⁶ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., II, p. 25.

³⁷ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., II, p. 18-19.

³⁸ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., II, p. 23.

³⁹ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas...* Ed. Cit., II, p. 23-24.

dos pecados e ao engenho como superação das limitações e, nos vícios, com a discórdia entre os semelhantes (o contrário da união e da paz)⁴⁰.

O Discurso III, *A Chamariz à Vigária do Coro*, é dominado pelo tema da vigília e do despertar para a vida religiosa, "quem tem amores não dorme" recomenda a ave, recitando um adágio popular: "Quatro horas duerme el Santo, seis el que no es tanto, siete el escudero, ocho el cavallero, etc"⁴¹. O sono é o descrédito do amor, perigo do entendimento, faz "grosseiros os sentidos" e "o que mais dorme menos vive, pois furta á vida quanto dá ao sono, e em quanto não acorda, he um morto sem sepultura"⁴². O tema das visões, agora de ordem sobrenatural, é retomado para apelar à virtude e à oração, como o do caso do Convento do Varatojo. Exorta a que a Vigária se faça respeitada, "vós em o coro sois huma Vice-Abadesa, reprehendey com gravidade, e ensinay com brandura"⁴³, na senda da temperança, justiça e a afabilidade na liderança das religiosas, com o apoio na parábola do rei poderoso que manda cobrar os seus tributos. Sem indicação específica conhecida na tradição emblemática, o chamariz terá sido escolhido pelo seu nome, no sentido de chamar, avisar ou despertar.

A questão da obediência e da disciplina está no cerne do Discurso IV, *O Pintassilgo à Mestra das Noviças*, que faz uma interessante analogia entre o cuidar de um jardim de cravos e o cuidado com as noviças. Tal como o jardim, a doutrina deve ser "regada" diariamente, como as ervas daninhas as inclinações avessas das noviças devem ser vigiadas, como as abelhas do craveiro as más companhias devem ser afastadas, e tal como os cravos guiados pelas canas devem as noviças ser mantidas num cordão de obediência, qualidade justificada pelos sacrifícios do filho de Abraão e a filha de Jéfte. O tema da obediência é reforçado incessantemente por alusões e comparações, já que "huma Freyra sem obediência he cavallo sem freyo, barco sem remos, nao sem piloto, edificio sem alicerse, horto sem muros"⁴⁴. Esta qualidade é ainda suportada pelos exemplos do milagre da obediência da carmelita descalça Catarina de Jesus ou da fábula ou "apólogo" das abelhas e da águia. Na tradição emblemática, o pintassilgo está associado ao reforço da virtude perante as adversidades, à humildade e à austeridade⁴⁵. A importância do alimento espiritual para as religiosas, assim como o alimento material para as outras mulheres, é realçada:

*Entre todas as creaturas, he a alma sem comparação a mais preciosa, assim como entre as pedras he o diamante a de mayor valor; hum diamante, sem o lavrar a roda, he bruto; huma alma, sem a lavrar a oração, he pedra; só o espirito divino é perfeito sem diligencia; o espirito humano há de mister muyta diligencia para não ser imperfeyto.*⁴⁶

A humildade, a tolerância e o respeito dominam o Discurso V, *O Pardal à Madre das Confissões*, que aborda a questão da relação das religiosas com os sacerdotes que ministram o sacramento da confissão por parte de quem está sujeito a sofrer a "impertinencias de Frades"⁴⁷. Na tradição emblemática, o pardal está associado à inconformidade com a própria condição, o que não deixa de ser adequado à situação das religiosas perante a importunação do sexo oposto⁴⁸. Curiosamente, enquanto as religiosas são associadas à divindade plena ao longo da narrativa, os sacerdotes, comparativamente, são considerados "semideuses"⁴⁹... Seguindo o exemplo do conto sobre a deusa Tétis, as religiosas são ninfas católicas e racionais que "com todos a sua conversação hade ser muy seria, com todo o sexo, com toda a idade, e em toda a occasião"⁵⁰.

O Discurso VI, *O Rouxinol às Sacristãs*, comparadas às vestais, é dos em que mais se faz sentir a erudição da autora para reforçar a importância da conservação do templo de Deus, começando por evocar Alexandre, o Grande e seu avô Leónidas, Cleópatra e Marco António ou o Livro do Apocalipse, segundo S. João. O Oriente está presente como exemplo de asseio, riqueza e majestade, como no conto do palácio dos "Japoens", - "Muyto cuidado, Senhora, com os vossos templos, muyto ornato, muyto aceyo, muyto fumo, pois até a gentildade vos dá este particular exemplo,"⁵¹ -, ou nas referências aos templos mandados edificar na Terra Santa por Santa Helena, reforçadas pelos exemplos dos reis nacionais, como D. Manuel I e D. João V, passando pelo bíblico templo de Salomão. A importância da dignidade e da magnificência das igrejas (metonímias da verdadeira casa de Deus) - "como o Ceo he o verdadeiro templo de Deos, e elle o queria fazer modelo para os outros, mostrou-o composto de tudo o melhor na terra, para que soubessem os homens, que da terra tudo o melhor se devia aos templos, e que para elles eraõ as pedras, o ouro, as perolas, e todas as mais preciosidades,"⁵² - está patente nas alusões ao ouro da América,

⁴⁶ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., IV, p. 49.

⁴⁷ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., V, p. 55.

⁴⁸ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium*.... Ed. Cit., p. 460-463 e p. 749.

⁴⁹ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., V, p. 55.

⁵⁰ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., V, p. 58.

⁵¹ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VI, p. 64.

⁵² CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VI, p. 75.

⁴⁰ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium*.... Ed. Cit., p. 441-459 e p. 749.

⁴¹ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., II, p. 27.

⁴² CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., II, p. 28.

⁴³ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., III, p. 33.

⁴⁴ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., IV, p. 43.

⁴⁵ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium*.... Ed. Cit., p. 515-520 e p.749-750.

à prata das minas de Potosi, na atual Bolívia, aos topázios da Etiópia, aos rubis de Ceilão, aos diamantes da Pérsia e às pérolas do Sul. A história do incenso, "Deos dos fumos"⁵³, proveniente da Arábia, região do Sabá, é detalhadamente contada. Como exemplo de que a verdadeira importância da vida está em Deus, a autora evoca a primeira fábula de Esopo "O Galo e a pérola" que reinventa: "Ao proposito de que tudo o melhor se deve a Deos, vos trarey um conto, que ainda que pareça apologo de Esopo, he menos antigo (...) pois perolas a gallos, he o mesmo que margaritas a porcos, que para cada qual não he melhor o melhor; senão o que melhor lhe serve,"⁵⁴. A importância do ofício é por demais realçada e elogiada: "o officio, senhoras vos faz humas sacerdotisas católicas, humas coadjutoras dos ministros de Christo, humas immediatas dos Sacerdotes, humas ayas da Igreja, e humas mysticas do altar."⁵⁵ ou em "Senhoras, em os mais officios servis a Deus com as creaturas, neste servia a Deos em Deos, os outros podemvos deixar santas, este deyxavos endeosadas;"⁵⁶. Existe ainda a referência ao "livro das relações da Persia", do Padre Fr. António de Gouveia, Religioso de Santo Agostinho⁵⁷, a propósito da conversão de um mouro: "Assim premeia Deus quem cuyda dos seus altares, a quem se esmera em a sua Igreja, a quem se disvela em seu culto; dos gentios faz Catholicos, dos Catholicos fará Santos;"⁵⁸. A eloquência, a predicação e a poesia são algumas das características da tradição emblemática associadas ao rouxinol⁵⁹, num excerto em que mais se fazem sentir estas qualidades por parte da autora.

O Discurso VII, *O Galo à Porteira*, reflete sobre o recato e a discrição pelos quais é responsável a titular deste ofício e cuja porta marca a fronteira entre o céu - "o mosteiro he Ceo, onde as Religiosas são estrelas, as estrellas não aparecem sem o veo da noite, e por isso fugirão a luz do dia;"⁶⁰ -, e a terra: "Se a tiverdes aberta sem necessidade, dirão que quereis ver. Se chegardes a ela sem veo, dirão que quereis ser vista."⁶¹. Soror Maria do Céu vai buscar como exemplos o apólogo da deusa Pomona ou o caso prodigioso do Mosteiro das Carmelitas Descalças de Cidade Real em que um anjo protege a porta do convento deixada aberta por descuido:

⁵³ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VI, p. 69.

⁵⁴ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VI, p. 72.

⁵⁵ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VI, p. 61.

⁵⁶ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VI, p. 63.

⁵⁷ GOUVEIA, António de - *Relaçam, em que se tratam as guerras e grandes victorias que alcançou o grãde rey da Persia, Xá Abbas do grãdo Turco Mabometto & seu filho Amethe*... Lisboa: Pedro Craesbeck, 1611, e do mesmo autor *Relações da Pérsia e do Oriente* Lisboa: 1609. GULBENLIAN, Roberto. - *O Padre António de Gouveia e a autoria da "Breve Relaçam" de 1609 sobre a Pérsia*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1975.

⁵⁸ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VI, p. 68.

⁵⁹ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium*.... Ed. Cit., p. 697-707 e p. 751.

⁶⁰ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VII, p. 82.

⁶¹ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VII, p. 81.

*Esta he a custódia que os Anjos fazem á casa de Deos, e vós deveis aprender o seu zelo para guardalla, evitando em ella toda a imperfeição ás Religiosas; bem sabeis a quem Christo deo as chaves, encomendou as ovelhas; sabeis também que isto he porta do Ceo*⁶².

O mesmo tom de discrição e recato é imposto, no discurso VIII, *O Papagaio à Rodeira*, também responsável pelo contacto do mosteiro com o exterior, nomeadamente nos recados e na assistência aos pobres, sendo a roda o lugar por onde "divisaõ os de fora o mosteiro, e se nelle achao as palavras coartadas, as respostas medidas, as perguntas forçosas, ainda que cheguem ociosos, vão edificados."⁶³. Surge assim, como exemplo, a história do papagaio do Brasil que por muito falar ficou cativo:

*Nisto, que vós chamais fabula, e eu exemplo, se vê que aquelle lugar era de fallar nada, e o em que estais, he de falar pouco; lá a ave perdeo a liberdade, vós cá não queirais perder a opiniaõ, que he mais que a liberdade, e a vida; assim vos torno a advertir, que da roda para fora faleis pouco, e deixeis falar menos*⁶⁴.

A caridade para com o próximo e a justiça da providência divina que zela pelos bons e pelos inocentes são pontos também abordados - "o pobre que vos bate, he Christo, que vos chama"; "quem nega a esmola, ajuda a desgraça do seu proximo, quem a dá, ajuda a providencia de Deos;"⁶⁵ - e a providência de Deus é exemplificada por um caso em terras da América em que um velho espanhol necessitado encontrou pepitas de ouro nas raízes de uma planta: "pagouse Deos da sua singileza, e da sua fé, era pobre, era bom, e remediou-o com a sua providencia."⁶⁶. Na tradição emblemática as virtudes associadas ao papagaio são o serviço a Deus, a vigilância e a disciplina no alcançar da sabedoria enquanto que a prolixidade na imitação das palavras e a presunção são os vícios mais assinalados⁶⁷.

A justiça e a boa administração dos bens do mosteiro é o tema central do Discurso IX, *A Pega à Escrivã*, submetida ao julgamento tanto dos homens como de Deus: "as vossas contas tem para passar dous juizos, o de Deos, e o das criaturas, e se o primeiro he miudo, entendei que o segundo não he mais

⁶² CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VII, p. 86.

⁶³ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VII, p. 88.

⁶⁴ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VII, p. 88.

⁶⁵ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VII, p. 91.

⁶⁶ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VIII, p. 95.

⁶⁷ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium*.... Ed. Cit., p. 611-619 e p. 750-751.

grosso:⁶⁸. Na tradição emblemática, bem a propósito, um dos vícios mais associados à pega é o logro enquanto que as qualidades positivas são a adaptação às circunstâncias e a superação das dificuldades⁶⁹. A religiosa é ainda instada a administrar os bens alheios como se fossem próprios e não o contrário: “Com a prelada nas acçoens de administração vos portareis como quem serve, e não como quem manda; não tomeis do imperio alheio para o dominio proprio, e como precisamente haveis de fazer rosto aos negocios da casa, vos advirto que nas grades pratiqueis só o preciso evitando o escusado;⁷⁰. São variadas as narrativas que servem este discurso, desde as histórias do bom exemplo de um senhor que buscava um administrador para os seus bens, ou do mau exemplo de um monge que administrou os bens de um imperador de Oriente, “em tempo, que ainda as Luas Otomanas não dominavaõ a infelice Constantinopla;⁷¹ ou ainda um conto sobre a deusa Vénus e a Ninfa sobre o despeito e o ciúme.

A questão da gestão dos bens próprios e dos alheios é continuada no Discurso X, *A Rola à Celeireira*, ofício em que, pelo avaliar das palavras da autora, facilmente se cai em negligência com desculpas:

(...) a formiga tem boca, a abelha tem arma; porem vós para guardardes o trigo, que he de todas, temeis a boca da formiga e, para resguardardes a conserva, que he vossa, não temeis o ferraõ da abelha; he porque não sabeis que cada graõ da comunidade, que perdeis he uma perola, que furtais; para o valor he trigo, para o vosso encargo he perola; tendes a obrigação de a guardardes como um thesouro, ainda que o vejais como paõ⁷².

A importância dos pequenos gestos é também realçada: “Não sabeis que de graõs de compoem hum alqueyre, de alqueires hum sacco, de sacos hum moyo, de moyos hum celloiro? Tantos graõs vos podem levar que vos levem o celloiro todo.⁷³ E para corroborar a ideia é contado o apólogo da Ninfa que contava pérolas e do pescador que contava sardinhas e a história de Soror Guiomar de S. Domingos, Religiosa Dominicana no Mosteiro de Jesus de Aveiro, simultaneamente zelosa com o seu ofício e com as orações, para além das referências ao profeta Elias e a S. Paulo de Tebas, o primeiro eremita do deserto, às bíblicas Marta e a Maria, e a Adão, no Paraíso. Na tradição emblemática, a

concordia, a constância e a castidade são as qualidades associadas à rola que mais se poderiam aplicar na temática das *Aves Ilustradas*, embora no Discurso X essas características não estejam tanto no cerne do tema como no resto da obra.⁷⁴ A rola contra-argumenta antecipando as desculpas da responsável do Celeiro, transmitindo uma visão muito pragmática da vida: “Rematais dizendo: Assim passaremos porque não só em o paõ vive o homem, assim he, que a sentença de Christo não pode mentir. Da palavra de Deos vive o homem em quanto ao espirito, mas do paõ vive em quanto ao corpo⁷⁵. E reforça a ideia de que o alimento natural é tão necessário à vida:

(...) he taõ preciso o paõ , que o repartio Deos a todas as partes do mundo: aos Europeus, e Africanos deo Deos o seu paõ em o seu trigo; aos Americos em o seu maiz, aos Asiaticos em o seu arroz, e supponde que ás vossas irmans em o vosso cuydado: cuydado com o celleiro, cuydado com as farinhas, cuydado em o forno, para que assim como lbes dais hum paõ de obrigação, lho deis de caridade: a caridade he muyto clara, dailho branco; a caridade he muyto suave dailho doce; a caridade he muyto diligente, dailho bem amassado, e assim sendo boa para todas em o vosso officio, sereis melhor para Deos em o vosso merecimento.⁷⁶

O tema do sustento material, agora sob a vertente da contenção para evitar a gula, é continuado no Discurso XI, *O Ganso à Provisora*, responsável pelo aprovisionamento e gestão do refeitório, que deve servir a horas, comida simples, mas bem feita, na justa medida, evitando qualquer excesso:

Senhora, nada do que aqui vos tenho referido, he em ordem a que as Religiosas não comaõ, antes vos exorto a que não só lhe deis o comer, mas muyto bem feyto, e tão abundante quanto permittir a possibilidade do mosteyro, e quando esta falte, seja a vossa diligencia que suppra em o seu remedio, a minha tenção he o desejar que não apeguem as Religiosas a comerinhos superfluos, porque pelo regalo humano não percaõ a Ambrosia divina.⁷⁷

Estas recomendações são complementadas pela história da matrona cujo marido era guloso: “Os que a si mesmo se prejudicam saõ os gulosos, vos diz

⁶⁸ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., IX, p. 97.

⁶⁹ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium*... Ed. Cit., p.735-739 e p. 752.

⁷⁰ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., IX, p. 100.

⁷¹ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., IX, p. 98.

⁷² CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., X, p. 2106.

⁷³ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., X, p. 108.

⁷⁴ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium*... Ed. Cit., p. 713-725 e p. 752.

⁷⁵ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., X, p. 110.

⁷⁶ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., X, p. 112.

⁷⁷ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., XI, p. 120-121

o primeyro dia de todos. Se Eva se abstera da maçã, não perdera o reynado do Paraiso”⁷⁸; pelo apólogo de Júpiter que convida quatro humanos para provar o seu manjar dos deuses: “E vós outros, que caminhando ao meu banquete vos embaraçaste com as gulodices do mel, com os regalos da fruta, com as grossarias do leite, não estais capazes de gostar os nectares celestiaes, que estes só se permitem a quem se abstem das delicias terrenas;”⁷⁹; ou pelo exemplo do monge de S. Bernardo: “Bem nos mostra este caso, que para termos os regalos do Ceo nos havemos de abster dos da terra, a cujo proposito trarey tambem um apologo, em sombras vem a ser o mesmo, que o exemplo em luzes, para que com a novidade de hum perdoeis a antiguidade de outro.”⁸⁰ A denúncia da negligência e a perseverança são as características relativas ao ganso⁸¹, na tradição emblemática, que se poderiam enquadrar no tema deste discurso.

As virtudes da humildade, da misericórdia, da compaixão e do amor pelo próximo associados pela tradição emblemática à pomba⁸² são também os temas dominantes do Discurso XII, *A Pomba à Enfermeira*, em que esta ave se dirige à Enfermeira em discurso direto:

*Vós das doentes sois mãy, sois irmã, sois amiga, sois companheira, sois escrava, e sois senhora, vede agora a obrigação em que vos deixaõ todos estes títulos. Sois sua mãy, porque as affagais; sois sua companheira, porque as assistis; sois sua amiga, porque as remediais; sois sua escrava, porque as servis; sois sua senhora, porque as mandais, e sois sua irmã porque o sois, e com todos estes officios, que lhe fazeis, mais lhes deveis vós em o merecimento, que ellas vos devem em o beneficio, mais ganhais vós servindo hum dia às doentes, que servires hum anno às sans*⁸³.

Os exemplos prodigiosos das carmelitas descalças, Catarina de Jesus (que viu a doente que tinha nos braços “transformar-se” em Christo), Ana de S. Bartolomeu e Santa Catarina de Cardona, são complementados pelo apólogo de um rei que tinha uma filha, a quem “por sua rara beleza, a chamaraõ o Milagre;”⁸⁴ ou pela história de Job, do Antigo Testamento, numa descrição talhada nas artes da retórica:

⁷⁸ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., XI, p. 118.

⁷⁹ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., XI, p. 120.

⁸⁰ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., XI, p. 122-123.

⁸¹ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium*... Ed. Cit., p. 174-189 e p. 747.

⁸² GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium*... Ed. Cit., p. 570-606 e p. 750.

⁸³ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., XII, p. 128-129.

⁸⁴ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., XII, p. 136.

*Ouvi um texto. Está Job hum retrato da paciencia, hum compendio das dores, hum espectáculo de chagas, (...) ouvi-o em a perda da sua fazenda, em a morte de seus filhos (...) Ouvi-o reprehendendo a mulher, quando o arguiu em sua paciencia (...) Ouvi-o, quando da cabeça até à planta estava feito huma chaga (...) Finalmente abri o texto, e alli o achareis taõ dilatado em os lamentos, taõ largo em os queixumes, que não só o deixou fallar a sua dor, mas o deixou fallar muyto.*⁸⁵

O alimento espiritual em que consiste a sabedoria divina é o lema do Discurso XIII, *A Cegonha à Refeitoreira*, que participa em algumas das qualidades que a tradição emblemática construiu à volta desta ave e que se aplicam a este discurso e que são a religiosidade, a recusa do pecado e das paixões e o amor “maternal” (no sentido dos cuidados e dos alimentos aqui alegorizados no alimento espiritual)⁸⁶. Tão importante como o mantimento do corpo é este alimento da alma que são os livros espirituais que Soror Maria do Céu declama em tom parenético que nos faz lembrar o Padre António Vieira:

*Senhora, livros não se negam antes se oferecem; como vos atreveis a evitar a vossa irmã hum divertimento justo, huma conversação santa, huma lição divina, que tudo isto se acha em hum livro espiritual? Quereis que vá aprender nas comedias a ser dama, nas novelas a ser conquistada, nos versos flores inuteis, nas profanidades frutos venenosos. Negailhe hum Flos Sanctorum, aonde para a penitencia achará hum Jeronymo, para o amor hum Bernardo, para a pobreza hum Francisco, para o pranto hum Pedro, para o sofrimento hum Alexo, para o valor hum Sebastião, para a mortificação hum Pedro de Alcantara, para o vencimento huma Catharina, para a resolução huma Teresa, para a pureza huma Clara, e para a obediencia todos os referidos? Das letras de hum livro espiritual podeis tirar tres SSS, que não tem preço, S de Santa, S de solícita, S de sabia; nele dais companhia verdadeira, conversação sem estrondo de creaturas, huma ocupação sem trabalho de obras. Pelo contrario em hum livro profano, converso com quem me mente, pergunto a quem me não ensina, busco a quem me perde. Senhora, se destes encontrardes algum, queimai-o; se dos outros vos pedirem, offerecei-o, sendo liberal em dar, e fazei que sejaõ pontuais em restituír*⁸⁷.

⁸⁵ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., XII, p. 132-133.

⁸⁶ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium*... Ed. Cit., p. 250-279 e p. 747.

⁸⁷ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., XIII, p. 140.

Esta importância do conhecimento divino é suportada por uma parábola sobre Júpiter e a chave do segredo do coração dos homens, por um caso sucedido no Mosteiro de Córdoba de Descalças de Santa Teresa ou pelo exemplo de Santo Inácio de Loyola que por um bom livro começou uma vida virtuosa.

O asseio e a simplicidade (ou pobreza) – tanto nos hábitos das religiosas como nos seus comportamentos – tendo por inspiração, respetivamente S. Bernardo e S. Francisco, dominam o Discurso XIV, *A Coruja à Roupeira*, que recomenda às religiosas “roupa mui rica de asseio, y mui pobre de curiosidade”⁸⁸. A escolha da coruja⁸⁹ que, na tradição emblemática está associada, à prudência, à moderação e à constância serve para transmitir a necessidade de equilíbrio entre a simplicidade e o brio e a dignidade que as vestes e os comportamentos das religiosas devem ostentar. Tal como na pragmática gestão do celeiro do Discurso X, Soror Maria do Céu sabe que essa justa medida é essencial à imagem exemplar do mosteiro:

(...) não lhes mandeis vestir cilícios, que não estão em a Thebaida, nem lhes deis hollandas, que não estão em o mundo: açucenas tecidas, jasmíns fiados merece o contacto de mulheres puras, mas pano pobre, tear grosseiro se deve dar a mulheres sacrificadas. Em os habitos adverti não fação galla da mortalha, que isso será fazer zombaria da morte: sejaõ taes que motivaõ devoção a quem os vir, e se edifique a quem os olhar; não se achem de mistura as reliquias da vaidade com os côrtes da mortificação; a nós as corujas, porque temos os toucados de Freiras, nos não deu a natureza uma penna de cor; se a natureza não fora sábia, não nos deixara chans, e ouvi para escarmento o que nos succedeo huma vez que quisermos enfeitarnos⁹⁰.

A coruja prossegue com o conto das corujas que chamadas à “corte” da águia se viram tão simples nas suas penas cinzentas que aproveitando as penas de uma arara morta se enfeitaram, perdendo a sua identidade e envergonhando-se aos olhos de todas as aves:

*Este caso, senhora, que vos parecerá huma fabula, se o profundares, vos parecerá hum exemplo; tirai-lhe a concha e aproveitaivos da perola.*⁹¹

⁸⁸ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., XIII, p. 150.

⁸⁹ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium*... Ed. Cit., p. 522-545 e p. 750.

⁹⁰ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., XIV, p. 150-151.

⁹¹ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., XIV, p. 150-151.

Este discurso recorre a vários exemplos, tal como os anteriores, da vaidade do ser humano que é especialmente nociva no que diz respeito às religiosas que devem zelar por um comportamento cheio de virtudes “florais”: “sede puras como a açucena; sede candidas como o jasmim; sede humildes como a viola, sede abraçadas como a rosa; sede Angelicas como a angelica; e tendo todas estas virtudes, cheirareis a todas estas flores, das quais fareis a Deos hum ramallete firme, que dure por toda a eternidade”⁹².

Os poemas em castelhano que rematam cada discurso são cantados por aves mas não necessariamente as mesmas que proferem os respetivos discursos. Essa “passagem de testemunho” é realizada, por exemplo, quando estas não têm capacidade canora. É o caso dos pavões, que são substituídos nesta função por “uma ave musica”⁹³, a andorinha pela chamariz, o pardal por uma filomena, o papagaio, o galo e a pega pelo rouxinol, a rola e o ganso pelo melro e a cegonha e a coruja por uma ave cantora indeterminada.

O tempo diegético é o de um único dia, iniciado pela águia solar e terminado pela coruja noturna, em que as aves “iluminadas” pela graça divina se tornam compreendidas pelos humanos e ao serem utilizadas para doutrinar as religiosas, recuperando histórias, fábulas e mitos intemporais, têm como principal objetivo ensinar através do prazer da leitura – silenciosa ou em voz alta - através dos olhos e dos ouvidos. É muito provável que Soror Maria do Céu se tenha inspirado no conteúdo de livros como a *Vida e fabulas do insigne fabulador grego Esopo: de novo juntas, e traduzidas com breves applicaçoes moraes a cada fabula*⁹⁴ (1643) de Manuel Mendes de Vidigueyra, o *Esopo Português*, ou o *Tratado de los animales terrestres y voláteis y sus propiedades* (1672), de Jerónimo Cortés⁹⁵, entre muitas outras fontes possíveis.

No que diz respeito às fábulas de Esopo, para além da sua referência expressa pela autora no Discurso VI, “Ao proposito de que tudo o melhor se deve a Deos, vos trarey um conto, que ainda que pareça apologo de Esopo, he menos antigo.”⁹⁶, Soror Maria do Céu faz uma adaptação da Fábula I de Esopo, o galo que trocou a pérola por um grão de milho com a mesma aplicação moral mas de forma muito mais pragmática, “pois perolas a gallos, he o mesmo que margaritas a porcos, que para cada qual não he melhor o melhor; senão o que melhor

⁹² CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., XIV, p. 160.

⁹³ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., I, p. 211.

⁹⁴ VIDIGUEYRA, Manuel Mendes de - *Vida e fabulas do insigne fabulador grego Esopo : de novo juntas, e traduzidas com breves applicaçoes moraes a cada fabula*, Lisboa: Antonio Alvarez, 1643.

⁹⁵ CORTÉS, Jerónimo - *Tratado de los animales terrestres y voláteis y sus propiedades*, Valencia: Imprenta de Benito Macé, 1672.

⁹⁶ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*... Ed. Cit., VI, p. 72.

lhe serve"⁹⁷, e no conto - "pedindovos primeyro o naõ tomeis como fabula senaõ como exemplo" - homónimo da Fábula XIII de Esopo, *O Casamento do Sol*. Neste último caso, apesar de partilharem o nome, a versão de Soror Maria do Céu é diferente em conteúdo e sentido⁹⁸, moralizando sobre a defesa da virtude ou castidade feminina, o tema que domina o primeiro discurso. A julgar pela comparação entre as aves protagonistas das fábulas de Esopo, existe alguma coincidência de espécies, como podemos avaliar pela leitura do Quadro II, anexo a este trabalho.

Se em Esopo as aves expressam as suas características próprias das quais se pode retirar um ensinamento ou uma moral, na obra de Soror Maria do Céu o seu discurso processa-se à revelia dessa natureza, porque as aves são portadoras de uma mensagem alegorizada de dimensão emblemática e simbólica que as domina, ultrapassa e redime como se a sabedoria divina pudesse purificar qualquer natureza, animal ou humana, incluindo a das próprias religiosas. É o caso do pavão, que de ícone de beleza passa a sinónimo de vigilância, da pega com as suas lições de honestidade, da rola ou do ganso, que estão mais preocupados com a poupança dos bens do mosteiro do que com a sua natural avidez por comida, ou do papagaio que critica a prolixidade no Discurso VIII. Existem também casos em que as aves se aproximam mais da sua simbologia tradicional, quando as suas características positivas podem ser aproveitadas a bem da *prodesse*, como é o caso da pomba (caridosa e afável), do rouxinol (com a sua capacidade musical), do galo (atento e zeloso das suas protegidas), da andorinha (anunciadora da Primavera, sinónimo de bons augúrios) e da cegonha (alimento material e divino), como se pode observar pelo Quadro III, da correspondência das *Aves Ilustradas* com o *Tratado* de Jerónimo Cortés⁹⁹ (à exceção dos discursos III e IV para os quais não encontramos correspondência). A escolha do tipo de aves parece também fundar-se nas suas características físicas ou de comportamento, no caso do pavão cujas penas lembram olhos, do papagaio cujo discurso prolixo é utilizado como exemplo negativo ou a coruja pela sobriedade do "hábito" faz lembrar as religiosas (ou por, também, ser tida talvez como "religiosa"¹⁰⁰ por ser presença habitual nas torres das igrejas).

O universo ornitológico das *Aves Ilustradas* é constituído na sua maior parte por aves "nacionais" domésticas e canoras (com a exceção do papagaio, ave exótica, que no século XVIII já se teria tornado comum em Portugal, na corte e nas casas abastadas). Esta característica de proximidade, não só através das

⁹⁷ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VI, p. 72.

⁹⁸ CÉU, Soror Maria do - *Aves ilustradas*.... Ed. Cit., VI, p. 72.

⁹⁹ CORTÉS, Jerónimo. - *Tratado de los animales terrestres y voláteis y sus propiedades*, Ed. Cit..

¹⁰⁰ CORTÉS, Jerónimo. - *Tratado de los animales terrestres y voláteis y sus propiedades*, Ed. Cit., p. 513.

representações das aves pintadas em azulejos, mas também da sua presença no dia a dia do convento tornaria mais presente a evocação emblemática do texto tornando-a mesmo "representável", ou seja, seria natural que as religiosas se deparassem com o quadro real do galo com a porteira, do pavão com a prelada e assim sucessivamente. Seja por essa razão de proximidade representativa e evocadora, seja pelo facto da humildade das esposas de Cristo se bastar com aves próximas do quotidiano dos conventos (incluindo a águia, o pavão e a cegonha, apesar de uma dimensão simbólica mais *nobre*), o certo é que, no geral, a singeleza que representam são uma das características a nosso ver mais interessantes, neste aspeto, nas escolhas da autora, e que nos permitem concluir que apesar dessa simplicidade e a partir de significados tradicionais tão poderosos à época, Soror Maria do Céu consegue construir um esquema próprio de correspondências pleno de verosimilhança e originalidade.

A recurso à simbologia das aves na tradição emblemática em Portugal teve na obra de Frei João dos Prazeres, *Príncipe dos Patriarcas S. Bento, de Frei João dos Prazeres*, em dois tomos,¹⁰¹ um dos seus maiores expoentes. Um manuscrito incompleto do Tomo III¹⁰², com apenas quatro empresas, apresenta ainda na primeira delas, sem *pictura* mas com um espaço onde esta seria inserida mais tarde, a referência «Águia» e o lema «DICTANTE NATURA FEROR», ou seja, "eu deixo-me conduzir pela minha natureza". Considerado "o primeiro livro de emblemas português a utilizar a estrutura tripartida (*inscriptio, pictura, subscriptio*), o *Príncipe dos Patriarcas* é talvez o único merecedor desse título"¹⁰³, e utiliza sobretudo aves mitológicas ou reais de forte carga simbólica como é o caso da fénix ("símbolo universal de ressurreição, imortalidade e renovação cíclica, desde cedo associado a Cristo"¹⁰⁴), do pelicano (símbolo da paixão e da

¹⁰¹ PRAZERES, Frei João dos (1683), *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento. Primeiro tomo de sua Vida, discursada em empresas Políticas e Predicaeis pello Mto. Rdo. P. Pregador Geral Fr. João dos Prazeres Chronista da Religião deste Pay das Religioens Todas Natural da Cidade do Porto*, Lisboa, na Imprensa de António Craesbeeck. — [1690]. *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento. Segundo tomo de sua Vida, discursada em empresas Políticas e Morais, pelo M. R. Padre Pregador Geral Frey Joam dos Prazeres, Chronista Mor da Congregação do mesmo Príncipe, natural da Cidade do Porto*, Lisboa, na Officina de Joam Galram, a custa da Congregação de S. Bento. Relativamente à simbologia das aves na obra de Frei João dos Prazeres consultar ARAÚJO, Filipa Medeiros - *O Alcance Simbólico das Aves nos Emblemas de Frei João dos Prazeres*. Abril 2012. In *Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas. Da Idade Média ao Século XX*. Associação Internacional de Lusitanistas (AIL). Santiago de Compostela-Faro, 2012.

¹⁰² DIDIER, Lucília - *Emblemas e Literatura Emblemática na Ordem de S. Bento: Frei João dos Prazeres e o manuscrito incompleto do Tomo III de O Príncipe dos Patriarcas S. Bento*. In TAVARES, Pedro Vilas Boas Tavares; OLIVEIRA, Fátima (coord). Atas do IV Seminário Internacional Ora et Labora Refojos de Basto: Natureza e meio natural na vida, linguagens e imaginário da vida monástica, Cabeceiras de Basto: Município de Cabeceiras de Basto, 2020, p.p. 165-188

¹⁰³ ARAÚJO, Filipa Medeiros - *O Alcance Simbólico das Aves nos Emblemas de Frei João dos Prazeres*. Abril 2012. In *Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas. Da Idade Média ao Século XX*. Associação Internacional de Lusitanistas (AIL). Santiago de Compostela-Faro, 2012. Obras citadas pela autora p. 63, Notas.ARAÚJO, Filipa Medeiros - *O Alcance Simbólico das Aves nos Emblemas de Frei João dos Prazeres*. Ed. Cit., p. 64.

¹⁰⁴ ARAÚJO, Filipa Medeiros - *O Alcance Simbólico das Aves nos Emblemas de Frei João dos Prazeres*. Ed. Cit., p. 71.

ressurreição de Cristo¹⁰⁵), do pavão (na sua simbologia de ícone solar e símbolo de beleza e transformação¹⁰⁶), da garça-real (símbolo da regeneração vital¹⁰⁷), da cegonha (símbolo de piedade filial identificado com a justiça e misericórdia de Jesus¹⁰⁸) e da águia (rainha das aves, mensageira de Júpiter, associada ao Sol, símbolo de poder, força, persistência e amor)¹⁰⁹. Destas aves evocadas por Frei João dos Prazeres, apenas coincidem três - a águia, o pavão e a cegonha - e se a águia é talvez o símbolo mais utilizado na emblemática e coincide como símbolo de poder divino nas *Aves Ilustradas*, já a cegonha é utilizada por Soror Maria do Céu como símbolo do alimento ou conhecimento divino e o pavão com a visão - vigilância da virtude e castidade do mosteiro - evocada pelos "olhos" que as suas penas ostentam. Curiosamente e a suportar a teoria de Isabel Morujão relativamente às *Aves Ilustradas*, é possível encontrar as *picturae* e os *inscriptio* de vinte empresas de *O Príncipe dos Patriarcas S. Bento* pintadas em azulejos datados de 1713 e atribuídos a António de Oliveira Bernardes, existentes na Igreja de Nossa Senhora do Terço, pertencente ao antigo Mosteiro das Religiosas Beneditinas de Barcelos¹¹⁰.

A importância da capacidade de concretização e de visualização de conceitos da tradição da alegoria¹¹¹, desde o nascimento do primeiro mito, passando pela *ut pictura poesis* horaciana e confirmada ao longo dos tempos, teve um papel determinante na associação entre o *prodesse* e o *delectare* seiscentistas e na expressão alegórica barroca, nomeadamente no aspeto que particularmente nos interessa da nossa abordagem, a emblemática recuperada no Renascimento e amplamente difundida sobretudo a partir da obra fundadora do género, o *Emblematum Liber* de Andrea Alciato¹¹². Esta obra, escrita originalmente só com o mote e a glosa (epigramas com um título), sem a imagem ou gravura¹¹³,

¹⁰⁵ ARAÚJO, Filipa Medeiros - *O Alcance Simbólico das Aves nos Emblemas de Frei João dos Prazeres*. Ed. Cit., p. 74-75.

¹⁰⁶ ARAÚJO, Filipa Medeiros - *O Alcance Simbólico das Aves nos Emblemas de Frei João dos Prazeres*. Ed. Cit., p. 74.

¹⁰⁷ ARAÚJO, Filipa Medeiros - *O Alcance Simbólico das Aves nos Emblemas de Frei João dos Prazeres*. Ed. Cit., p. 77-78.

¹⁰⁸ ARAÚJO, Filipa Medeiros - *O Alcance Simbólico das Aves nos Emblemas de Frei João dos Prazeres*. Ed. Cit., p. 78.

¹⁰⁹ ARAÚJO, Filipa Medeiros - *O Alcance Simbólico das Aves nos Emblemas de Frei João dos Prazeres*. Ed. Cit., p. 79-83.

¹¹⁰ GARCÍA ARRANZ, José Júlio - *Unos Emblematas monásticos en azulejos: El programa jeroglífico de la iglesia conventual de Nossa Senhoras do Terço, en Barcelos (Portugal)*. Quintana: Revista del Departamento de Historia del Arte, vol. 17, 2018, pp. 191-213.

¹¹¹ AUGUSTO, Sara - *A Alegoria na Ficção Romanesca do Maneirismo ao Barroco*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 64ss.

¹¹² Sobre a literatura emblemática em geral, a ampla bibliografia de referência e a receção dos *Emblematas* de Andrea Alciato em Portugal consultar a obra de MEDEIROS ARAÚJO, Filipa - *Verba significant, res significantur: a receção dos Emblematas de Alciato na produção literária do Barroco em Portugal*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2012. Tese de Doutoramento.

¹¹³ ALCIATO, Andrea (2003). *Los Emblemas de Alciato, Traducidos en Rimas Españolas*. Lion, 1549, Edición de Rafael Zafra, Edicions UIB. Introdução Pag. 16 e 17. "Una colección formada por 105 de tales composiciones,

que teria sido acrescentada pelo editor na sua primeira edição¹¹⁴, tendo Alciato instituído formalmente nas edições seguintes aquilo que ficou conhecido como emblemática¹¹⁵: um mote, uma imagem e uma glosa em verso, associando um tema, uma ideia e uma qualidade moral a uma referência da natureza, da mitologia, ou da vida social que se entranhou na cultura barroca e foi fonte de inspiração em todo o tipo de artes. O emblema contém em si, de alguma forma, uma materialização alegórica, codificada, simbólica e simultaneamente abstrata na sua potência sintética e concreta na sua capacidade de aplicação ilimitada.

Na verdade, o potencial imagético do emblema ou da empresa não está verdadeiramente na gravura, apesar desta fazer parte da sua estrutura tradicional, na sua forma mais perfeita, mas no conceito e no símbolo que lhe dá origem. Confrontando as diferentes edições dos emblemas de Alciato¹¹⁶ verificamos que enquanto algumas imagens se mantêm praticamente inalteradas outras apresentam em alguns casos diferenças notórias. É o caso, por exemplo, do Emblema 65, *Fatuitas*, que na edição de Veneza de 1546¹¹⁷ apresenta um mocho em primeiro plano e na edição espanhola de 1549¹¹⁸ ("La boberia", Pag. 235) este é praticamente impercetível ou inexistente apesar do mocho ser mencionado na glosa.

Mário Praz, sobre as origens da emblemática, defende o sincretismo entre

que Alciato había regalado y dedicado a su amigo Conrado Peutinger, fue publicada en Augsburgo, al parecer sin su conocimiento, por el editor Steiner em 1531 con el título de *Emblematum Liber*. Fue este editor quien dedicó ilustrar cada una de las composiciones con un pequeño grabado, dando lugar así a la estructura triple lema-pictura-epigrama, que desde entonces ha venido conociéndose como emblema. Ante el éxito de la obra, Alciato decidió hacer una edición, ahora formada por 113 emblemas, todos ellos ilustrados con grabados que - excepto los nuevos, claro está - repiten, con una manufatura más cuidada, los motivos empleados en la primera edición". A maior parte dos autores defende a interação entre a imagem e o texto. A este propósito ver DALY, Peter M. *The Emblem in Early Modern Europe: Contributions to the Theory of the Emblem*. London: Taylor & Francis Ltd, 2014.; DALY, Peter M.; MANNING, John - *Aspects of Renaissance and Baroque symbol theory, 1500-1700*. New York: AMS Press 1999.; GRAHAM, David - *Piece out our imperfections with your thoughts: Lessons from the History of Emblem Studies*, *Emblematica* 22 (2016c), p.1-42.

¹¹⁴ Sobre a questão da intenção de Alciato na inclusão das imagens na primeira edição dos *Emblematas* consultar o interessante estudo de KUSLER, Ágnes - *Marginalia to the Reconstruction of the Emblem-Concept of Alciato - The Legitimation of the Picturae*. In *Emblems and Impact Volume: Von Zentrum und Peripherie der Emblematik*, edited by HOEPEL, Ingrid; MCKEOWN, Simon (edit.), Newcastle-upon-Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2017, 321-376.

¹¹⁵ A maior parte dos autores defende a existência da articulação entre o texto e a imagem, a composição logoicónica

¹¹⁶ ALCIATO, Andrea (2003). *Los Emblemas de Alciato, Traducidos en Rimas Españolas*. Lion, 1549, Edición de Rafael Zafra, Edicions UIB. e ALCIATO, Andrea (1870) *Andreae Alciati Emblematum Fontes Quatuor Namely, An Account Of The Original Collection Made At Milan, 1522, And Photo-Lith Fac-Similes Of The Editions, Augsburg 1531, Paris 1534, And Venice 1. Edição Facsimilada.*

¹¹⁷ ALCIATO, Andrea (1870) *Andreae Alciati Emblematum Fontes Quatuor Namely, An Account Of The Original Collection Made At Milan, 1522, And Photo-Lith Fac-Similes Of The Editions, Augsburg 1531, Paris 1534, And Venice 1. Edição Facsimilada.*

¹¹⁸ ALCIATO, Andrea (2003). *Los Emblemas de Alciato, Traducidos en Rimas Españolas*, Lion, 1549, Edición de Rafael Zafra, Edicions UIB.

os conceitos de emblema e epigrama, o primeiro é a representação e o segundo é o conceito, sendo os termos complementares, já que muitos epigramas podem ser emblemas desde que incluam a representação, ou seja a *ekphrasis*¹¹⁹. Esta capacidade "ecfrástica" do conceito prescinde da imagem, através da representação visual construída com palavras. Por outro lado, Emanuele Tesauro, considera que a metáfora e a agudeza estão na origem do emblema e a empresa (ou divisa, considerada a mais perfeita agudeza de símbolo¹²⁰) que são metáforas simbólicas que comportam um tema - que pode estar contido no título ou *inscriptio*, mas que pode ser só sugerido à mente do recetor „impresso nella mente“ -, uma figura ou *pictura*, sem a qual o emblema não é perfeito mas pode ainda assim existir enquanto tal, e uma inscrição ou epigrama, a *subscriptio*, que tem duas partes, a primeira explica a parte material da figura, ou seja a história ou a fábula, e na segunda a parte, a intenção moral ou significado.¹²¹

Em conclusão, apesar de não existir na obra uma descrição ecfrástica e de não podermos considerar esta obra como um livro de emblemas ou, mais especificamente, de empresas, a estreita relação entre o discurso alegórico e a imagem latente sugerida pela descrição ou sugestão de um „quadro“ ou momento¹²² é por demais evidente nas *Aves Ilustradas*. Curiosamente a fonte

¹¹⁹ PRAZ, Mario - *Estudios de emblemática: imagenes del barroco*. Madrid: Ediciones Siruela, 1963, p. 24. “[...] los emblemas son por tanto cosas (representaciones de objetos) que ilustran un concepto; los epigramas son palabras (un concepto) que ilustran objetos (tales como una obra de arte, una ofrenda votiva, una tumba). Los dos términos son pues complementarios, tanto es así que muchos de los epigramas recogidos en la Antología Griega, escritos originalmente para estatuas, son a todos los efectos emblemas con otro nombre. La palabra emblema fue inventada por Alciato, que la tomo de las Anotaciones ad pandectas de F. Budé, en donde significaba “trabajo de mosaicos”: en este mismo sentido fue utilizado el término “emblematura” por F. Colonna en su *Hypnerotomachia*, la cual tuvo gran influencia en el origen y la afición a los emblemas. Emblema y epigrama representan, pues, dos modos diferentes de concebir la misma *technopaegnon*; y el punto de vista representacional implicado por la palabra “emblema” (la contrapartida del punto de vista literario implicado por el “epigrama”) fue adoptado por Andrea Alciato bajo la influencia de los jeroglíficos egipcios”.

¹²⁰ TESAURO, Emanuele *Il Cannocchiale Aristotelico o sia idea dell'arguta e ingenua elocutione che serve à tutta l'arte onatória lapidaria et simbolica esaminata co' principij del divino Aristotele*, Turim, Bartolemeo Zavatta, 1670. p. 636ss.

¹²¹ TESAURO, Emanuele, *Il Cannocchiale Aristotelico o sia idea dell'arguta e ingenua elocutione che serve à tutta l'arte onatória lapidaria et simbolica esaminata co' principij del divino Aristotele*, Turim, Bartolemeo Zavatta, 1670. p. 122

¹²² AUGUSTO, Sara - *A Alegoria na Ficção Romanesca do Maneirismo ao Barroco*. E. Cit., p. 83-84, “A descrição constitui uma ds funções essenciais na narração, implicando uma relação que pode ser uma obra de arte, mas que implica um tratamento artístico já operado noutro sistema simbólico e semiótico que não o da linguagem. Situa-se assim no domínio de uma cultura eminentemente retórica, onde a riqueza das palavras se torna veículo de um processo que pode ser muito mais amplo, implicando uma leitura específica, comentário ou meditação. Por outro lado, de uma forma que a torna particularmente produtiva e eficaz, a écfrase pode descrever obras imaginárias intensificando e contribuindo para a representação de mundos bem determinados. (...) A écfrase ganha, contudo, maior espaço e significado nas novelas exemplares e morais e, sobretudo, nas novelas alegóricas. Neste último género, onde a fantasia tomou conta do universo diegético e os espaços e as personagens remetem sistematicamente para um segundo sentido, a descrição ecfrástica do imaginário, multiplicando-se em pormenores, sem perder de vista a integração numa imagem alegórica mais ampla, assume-se como procedimento habitual. (...) No mundo barroco, dominado pela aparência e pela metamorfose, o engenho e a agudeza derivam e inventam novos significados, fundando em pequenos detalhes, mas ainda assim extremamente convencionais. O efeito da

mais relevante do conceito incipiente que Andrea Alciato tinha do emblema é uma carta sua a Francesco Calvo de Janeiro de 1523, anterior à publicação do *Emblematum Liber* de 1531, em que se refere à conceção da ideia do seu livro salientando a componente visual descritiva do texto:

(...) compilei um pequeno livro de epigramas ao qual dei o título de “Emblemata”, no qual em cada epigrama descrevo algo que é retirado da história ou da natureza que pode significar algo refinado [elegans], e do qual artistas, ourives, e ferreiros podem modelar (conceber) o tipo de objetos a que chamamos distintivos [scuta] e que podemos prender aos nossos chapéus e usar como insignias, tal como a âncora de Aldus, a pomba de Frobenius ou o elefante de Calvo (...).¹²³

A imagem latente no conceito inerente à descrição visual do texto, com a carga simbólica que as aves possuem na tradição emblemática e simbólica, traz um outro sentido à palavra “ilustradas” e poderá inserir esta obra numa tipologia atípica da literatura (proto-)emblemática, “que não apenas a dos Avisos (como se deduz do título) ou das fábulas ou dos contos de proveito ou exemplo.”¹²⁴ conforme bem salientou Isabel Morujão, apesar de não haver uma referência expressa a esse respeito, dada a inexistência de prólogo ao leitor. Igualmente, a existência de uma gravura ou desenho, ou ainda o assumir paratextual da sua caracterização de género, não são condições obrigatórias para o assumir da qualidade de livro de emblemas, já que o *Reino da Babilónia* (1749), de Soror Madalena da Glória, expressamente não menciona tratar-se de um livro de emblemas, existindo mesmo “exemplares dessa mesma edição de 1749 que não apresentam sequer as gravuras com a “inscriptio”¹²⁵, nem existe qualquer prólogo ao leitor, em contexto paratextual, que institua qualquer convenção de leitura.

écfrase na ficção alegórica assenta nesta convencionalidade, ou seja, na existência de uma linguagem simbólica partilhada pelas diversas artes e reconhecível entre elas. Desta forma, a profunda interligação entre pintura (podendo ampliar-se às outras linguagens artísticas) e a literatura facilitam o reconhecimento de referentes reais possíveis para determinadas descrições das narrativas, como também determinadas obra de arte encontram rápida correspondência em passagens ficcionais.”

¹²³ KUSLER, Agnes - *Marginalia to the Reconstruction of the Emblem-Concept of Alciato*. Ed. Cit., p. 324-325. „These past Saturnalia, in order to gratify the noble Ambrogio Visconti I put together a little book of epigrams to which I gave the title ‘Emblemata’, for in each epigram I describe something which is taken from history or from nature and can mean something which is taken from history or from nature and can mean something refined [elegans], and from which artists, goldsmiths, metalworkers, can fashion the kind of objects which we call badges [scuta] and which we can attach to our hats and use as trade-marks [insignia], like Aldus’ anchor, Frobenius’ dove or Calvo’s elephant which is in a labour so long and gives birth to nothing.” (tradução portuguesa da autora)

¹²⁴ MORUJÃO, Isabel - *Emblemas e Problemas em Aves ilustradas em avisos*. Ed. Cit., p. 283.

¹²⁵ MORUJÃO, Isabel - *Emblemas e Problemas em Aves ilustradas em avisos*. Ed. Cit., p. 285.

Se excetuarmos o Discurso I que inclui uma introdução que institui a convenção alegórica de leitura – a águia e o sol - (ela própria passível de ser associada a uma divisa ou empresa) todos os catorze quadros apresentam a mesma estrutura: a breve identificação de uma ave inserida num *quadro* e associada a uma função, o lema implícito que consiste em valores e simbologias e um comentário amplamente desenvolvido em prosa e em verso nos discursos, que geralmente são a explanação ou a exortação de uma qualidade ou virtude. Todos os elementos estão presentes, em essência, conceito ou ideia, quisesse a autora estruturá-los de forma a inserir a obra na mais legítima tradição da literatura emblemática.

QUADRO I
DIMENSÃO EMBLEMÁTICA E SIMBÓLICA EM AS AVES *ILLUSTRADAS*

DISCURSOS	IMAGEM	DIÁLOGO AVISO EXPLANAÇÃO	SIMBOLOGIA TRADIÇÃO EMBLEMÁTICA ¹²⁶ (que pode ser aplicada às <i>Aves Ilustradas</i>)	SIMBOLOGIA NAS AVES ILLUSTRADAS CONCEITO (ou conjunto de conceitos)
DISCURSO I (Introdução) A Águia e o Sol.	“;Ilustradas pela águia sua Rainha, que bebe luzes na esfera do Sol,” (p.1)	“se atreveraõ a dar documentos aos homens”(p.1)	Sol como símbolo da renovação cristã. Pensamento orientado para Deus. A vida virtuosa. Força. O agradecimento a Deus. A vida virtuosa.	Sabedoria Divina.
DISCURSO I O Pavão à Prelada.	“Passeava uma Prelada pela sua cerca quando nesta se encontrou com um pavão,” (p. 1-2)	“Pavão, queres dar-me os teus olhos para vigiar o meu mosteiro?”(p. 2-12)	Vigilância. Valorização das virtudes próprias. Humildade. Pudor.	Vigilância, castidade e virtude. Inspiração divina. Auto-avaliação. Fidelidade a Deus. Amor, misericórdia e prudência.

¹²⁶ GARCÍA ARRANZ, José Julio - *Symbola et emblemata avium...* Ed. Cit. p. 746-752.

DISCURSO II A Andorinha á Vigária da Casa.	“Em a mesma manhã, e em os mesmos claustros sahia da sua cela a segunda Prelada daquele mosteiro, quando o enfadonho canto das andorinhas saudava ao sol” (p. 13)	“Manday callar as Freyras e deixay cantar as aves” (p.13-26)	Eloquência. Arrependimento dos pecados. Engenho como superação das limitações. Discórdia entre os semelhantes.	Silêncio, união e paz. Vigilância na execução das obrigações. Recusa da maledicência.
DISCURSO III A Chamariz á Vigária do Coro.	“Em o illustrissimo dia para as aves desde a sua janela, achando-a ainda recolhida, falava assim uma Chamariz à Vigária do Coro: (p. 27)	“Levantaivos, Senhora, que já venho de chamar as aves, para que louvem a seu Creador, e agora vos chamo para que louveis a vosso Deus:” (p. 27)-38	Neste caso, a alusão é relativa ao nome Chamariz (a que chama, atrai, avisa ou desperta) e à característica de canto repetitivo e prolongado da ave.	Vigília e despertar para a vida espiritual. Virtude Oração. Respeito. Temperança. Justiça. Afabilidade.
DISCURSO IV O Pintassilgo á Mestra das Noviças.	“Continuavaõ as aves em sua missão com avisos em as officinas: entrou hum pintasirgo em o Noviciado, aonde achou a Mestra regando um craveiro (...) tirou as ervinhas (...) dahi passou a encanniçalo (...) mudou de lugar para que mais de pressa ograsse o beneficio do sol (...) o defendeu de huma abelha,” (p. 39)	“Notey, senhora o grande cuydado com que beneficiais esta planta, e me lembrou o como aquele Mestre dos Pregadores, (...), que trateis as vossas Noviças assim como tratais ao vosso craveiro;” (p. 39-54)	Reforço da virtude perante as adversidades. Humildade. Austeridade. O engenho promovido pela necessidade.	Obediência e disciplina. Virtude e vigilância constante.

DISCURSO V O Pardal á Madre das Confissões.	“Fez o pardal seu ninho em huma arvore vizinha á janella de certo confessorario a tempo, que nelle entrava a religiosa, que administrava aquelle officio, e dizia enfadada: Perdoe Deus a quem me oribgou a sofrer a impertinência de Frades” (p. 55)	“Senhora, não cuydeis em que são Frades, cuydai só em que são Sacerdotes, e assim achandovos indigna de servillos, vos achareis capaz de tollerellos,” (p.55-60)	Inconformidade com a própria condição. Peregrinação.	Humildade, respeito e tolerância.
DISCURSO VI O Rouxinol ás Sacristás.	“Entrava pelo coro a Sacristã mór com as suas companheyras, e huma lhe dizia: Vós, senhora, honrais este officio, Aqui um roxinol, que sobre uma roseira, que fazia cortina à janella do coro, deyxou de cantar á rosa para responder á Freyra:” (p.61)	“Reparay, o como falais, que vós outras não honrais o officio: o officio he o que vos honra a vós;” (p. 61-80)	Eloquência, Predicação. Poesia. A educação dos padres. A solidão como meio eficaz de comunicação com Deus.	A guarda e a conservação do templo de Deus (mosteiro). Dignidade e magnificência da Igreja.

DISCURSO VII O Galo á Porteira.	“Ao abrir da porta vendo a Porteira hum gallo, que cantava em o patio, disse: Este gallo me acompanha em as madrugadas;” (p. 81)	“Senhora, (...), em as auroras, em as manhas, e em as tardes, não das aves brutas, não das creaturas racionais vos haveis de acompanhar, mas somente do que dirão de v’so em este officio.” (p.81-87)	Vigilância. Custódia. A força perante o vício. Perseverança. Gratidão a Deus.	Zelo e decoro na guarda da casa de Deus (mosteiro). (Recato das noviças e discrição).
DISCURSO VIII O Papagaio à Rodeira.	“Entrou a Rodeyra para a sua officina com hum daqueles passaros, que ao campo furtaraõ o verde, ás rosas o encarnado, e ao homem a voz.” (p. 88)	“Calay, porque estamos na roda, que para esta só he quem falla pouco, (...) aonde se ha de saber que só ha pé para servir, e não ha voz por conversar;” (p. 88-96)	Disciplina como meio de adquirir sabedoria. Serviço a Deus. Vigilância. Prolixidade na imitação das palavras.	Discrição, recato e caridade para com o próximo. Crítica da Prolixidade. Justiça da providência divina.
DISCURSO IX A Pega à Escrivã.	“Passeava huma pega o claustro a tempo, que a Escrivã do mosteiro vendo-a, dizia para outra Religiosa: Esta pega me furtou hontem hum tostaõ de hus trocos, que alli tinha da comunidade, e lhe achey muyta graça.” (p.97)	“Pouca graça tendes vós, respondeo a pega, quando a achais a quem furta o que está por vossa conta; (...) a vossa obrigação não só he de conservar mas de adquirir;” (p. 97-104)	Adaptação às circunstâncias. Superação das dificuldades por meios próprios. Logro.	Justiça e boa administração dos bens do mosteiro.

DISCURSO X A Rola à Celleireira.	“Continuavaõ as aves em a sua missaõ em os claustros, quando a Celleireira vinha do forno, (...) Entrou em o celleiro a dita official, e achou huma rola comendo em o trigo: Não bastaõ, disse ella, as formigas, mas tambem as rolas?” (p. 105)	“E vós, respondeo a rola, não bastais nem opara as rolas, nem para as formigas; se tiverdes cuydado com a porta , não entraraõ as rolas, se o tiverdes com o celleiro, nãoentraraõ as formigas.” “(…) que cada graõ da comunidade, que perdeis, he huma perola que furtais; para o valor he trigo, para o vosso encargo he perola: tendes a obrigação de o guardades como thesouro, ainda que o vejais como paõ;” (p.105-114)		Gestão do alheio (celeiro) como se do próprio fosse.
DISCURSO XI O Ganso à Provisora.	“Em a provisoria se queixava a official daquelle officio de que lhe esperdiçavaõ os adubos; quando lhe respondeo um ganso, que alli estava; seria para sacrificio de alguma ceya.” (p.115)	“Nem os mandeis esperdiçar, nem prohibir, que tão maõ he o diminuto, como o superfluo, e porque melhor o advirtais , ouvi a obrigação do vosso officio.” (p. 115-127)	Vigilância. Denúncia da negligência. Fidelidade. Perseverança. Avidez.	Sustento material e prevenção da gula. Temperança e boa administração

DISCURSO XII A Pomba à Enfermeira.	“Da enfermaria sahia a enfermeira, arguida de outra, e lhe respondia; A minha obrigação he assistir ás doentes. Aqui lhe respondeo huma pomba, que desceo do telhado, e chegou a ouvilla:” (p. 128)	“E porque melhor conheceis, senhora, que he esta a vossa obrigação, vos dignai de ouvirme estas verdades tão claras como a minha cor, tão candidas como a minha natureza.” (p.128-138)	Paz interior. Fidelidade à Fé. Simplicidade. Inocência. Sinceridade. Conduta correta. Pureza. Doçura no amor. A recusa das tentações do maligno.	Humildade, misericórdia e paciência. Compaixão e amor pelo próximo
DISCURSO XIII A Cegonha à Refeitoreira.	“Do telhado da mesma officina baxou huma cegonha até á janella a tempo, que a Refeitoreira negava hum livro dos que no refeitório se lem, a huma Religiosa, que lho pedia; aqui em virtude do dia lhe deo a ave estes avisos.” (p. 139)	“Senhora, livros taes não se negaõ, antes se offerecem; (...) Das letras de um livro espiritual podeis tirar tres SSS, que não tem preço, S de santa, S de sollicita, S de sabia;” (p. 139-149)	Gratidão. Justiça - Piedade. Religiosidade. Paciência perante as adversidades.	Alimento espiritual é mantimento da alma.
DISCURSO XIV A Coruja à Roupeira.	“Em a sua officina administrando a Roupeira o seu officio, dizia: Daqui tome cada qual o que lhe toca. (...) lhe respondeo huma coruja que a seguio (...)” (p. 150)	“O que toca a cada qual, (...) he a sua roupa muy rica de asseyo e mui pobre de curiosidade.” (p. 150-162)	Prudência. Paciência ante as dificuldades. Vigilância. Moderação.	Asseio e Simplicidade. Brio e Dignidade,

QUADRO II
 CORRESPONDÊNCIA DE AS *AVES ILLUSTRADAS*
 COM AS FÁBULAS DE ESOPHO

		FÁBULAS DE ESOPHO ¹²⁷
DISCURSO I (Introdução) Águia e o Sol.		Fábula XXII - Da Águia & da Raposa Fábula XXVII - Da Águia, & da Corexa (Grou)
DISCURSO I O Pavão à Prelada.	Conto Casamento do Sol Águia (referência alegórica)	Fábula XVI - De Juno & o Pavão Fábula XXXVIII - Da Gralha com os Pavoens Fábula XIII - Casamento do Sol Fábula XXII - Da Águia & da Raposa Fábula XXVII - Da Águia, & da Corexa (Grou)
DISCURSO II A Andorinha á Vigária da Casa.		Fábula V - Da andorinha e & outras aves Fábula XC - Da Cegarrega (Cigarra) e da Andorinha
DISCURSO III A Chamariz á Vigária do Coro.	Águia (referência alegórica)	Fábula XXII - Da Águia & da Raposa Fábula XXVII - Da Águia, & da Corexa (Grou)
DISCURSO IV O Pintassilgo á Mestra das Noviças.	Apólogo das abelhas e da águia	Fábula XXII - Da Águia & da Raposa Fábula XXVII - Da Águia, & da Corexa (Grou)
DISCURSO VI O Rouxinol ás Sacristans.	Conto do Galo que achou huma perola Águia (referência alegórica)	Fábula XLIV - Do Falcão e Rouxinol Fábula I - O Galo, & da Pérola Fábula XXII - Da Águia & da Raposa Fábula XXVII - Da Águia, & da Corexa (Grou)
DISCURSO VII O Gallo á Porteira.		Fábula I - O Galo, & da Pérola Fábula XXIII - Do Galo, & da Raposa
DISCURSO XII A Pomba á Enfermeira.		Fábula XXI - Das Pombas com o Falcão
DISCURSO XIII A Cegonha á Refeitoreira.		Fábula XXXVII - Da Cegonha e Raposa

¹²⁷ VIDIGUEYRA, Manuel Mendes de (1643) - *Vida e fabulas do insigne fabulador grego Esopo : de novo juntas, & traduzidas com breves applicaõens moraes a cada fabula* - Em Lisboa : por Antonio Alvarez Imp. DelRey N.S.

QUADRO III
CORRESPONDÊNCIA DE AS *AVES ILLUSTRADAS* COM O TRATADO
DE JERÓNIMO CORTÉS

<i>AVES ILLUSTRADAS</i>	TRATADO	DESCRIÇÃO ¹²⁸
DISCURSO I (Introdução) A Águia e o Sol.	Capítulo I Águia (p.397)	“El Aguila, es sobre todas las Aves, y es Reyna y señora de todas ellas, cuya vista es muy aguda, y fuerte, tanto que se pone a mirar el cuerpo, y rayos del Sol, de hito en hito, con tanta firmeza y constancia.” (p.397)
DISCURSO I O Pavão à Prelada.	Capítulo XX Pavão (p. 496)	“El Pavon es ave hermosissima y ella propia se huelga de serlo por extremo, tanto que si la miran sin decirle algo de alabanza, se enristece, y si ve que la alaban, ò conoce, que se huelgan de mirarla, entonces con grande recreo estende sus alas, y su cola, haciendo della un circulo muy hermoso, y perfecto e andase paseando, gallardo, brioso, y muy ufano;” (p. 496)
DISCURSO II A Andorinha á Vigária da Casa.	Capítulo XIII Andorinha (p. 480)	“La Golondrina es ave muy benigna, afable, y grata, a los ojos de los hombres, con tres diversos, y extremados colores, que representan la castidad, penitencia e caridad, que son el blanco de los pechos, el negro de las alas, y el colorado del cielo. Esta avecita es anonciadora del buen tempo, y Primavera, a la qual despierta, y combida a los hombres luego de mañana par alabar a su Criador, como ella.” (p. 480)
DISCURSO V O Pardal á Madre das Confissoens.	Capítulo XXV Pardal (p.511)	“Los Paxaros, ò Gorriones, son aves astutas y traidoras, y amigas el Poblado, crian en los agujeros del texado, porque siempre recelam de enemigos, y no se fian al descubierto.” (p.511)

DISCURSO VI O Rouxinol ás Sacristans.	Capítulo VII Rouxinol (p.430)	“Finalmente son estas Aves Ruyseñores tan amigissimas de musica y cantos suaves, y delicados, que se van acercando al que tañe, o canta, y se estan deshaziendo cantando, y gorgeando, (...)” (p.431)
DISCURSO VII O Gallo á Porteira.	Capítulo IX Galo (p. 450)	“Estre las ave domesticas, y campestres, el gallo, sigum parece, es el mas vigilante y madrugador de todas ellas, y es lo tabto, que por solo ahuyentar el sueño, y quedar en la noche muy despierto, bate reicamente sus alas, hiriendo con ellas su cuerpo. Esta vigilancia. Y cuidado natural, procede, y nace por ser tan zeloso y cuidadoso de sus encomendadas, tanto que no sufre que nadie a ojo vistas le toque alguna dellas (...)” (p. 451)
DISCURSO VIII O Papagaio á Rodeira.	Capítulo VII Papagaio (p. 434)	“(…) y es tan amigo del aspecto virginal, que puesta una doncella bien compuesta, y aderezada de rostro delante de el, gorgea, habla, y haze dos mil monerias, holgandose en extremo de verla.” (p. 435)
DISCURSO X A Rola á Celleireira.	Capítulo XVIII Rola (p. 492)	“La Tortollilla es Ave de su naturaleza muy solitaria, continente y amiga del desierto, huyendo siempre del trato, y conversacion humana, al contrario de la Paloma, que ama y busca la compañía de los hombres, viviendo y criandose blanda e amorosa entre ellos.” (p. 492) (Fidelidade conjugal, comparada à mulher honesta e honrada. (p. 492)).
DISCURSO XI O Ganso á Provisora.	Capítulo V Gansos (p.425) (Ocas o Ansares)	“Los Ansares tiene nel mal del Cochino, que siempre gruñen, y assi ellas nunca callan, y las que son indomitas, y viven en su libertad, siempre andan de aqui para alli, volando e vociferando.”(p.425)
DISCURSO XII A Pomba á Enfermeira.	Capítulo II Pomba (p. 409)	“(…) al contrario de la Paloma, que ama y busca la compañía de los hombres, viviendo y criandose blanda e amorosa entre ellos.” (p. 492)
DISCURSO XIII A Cegonha á Refeitoreira.	Capítulo XXIV Cegonha (p. 508)	“Escriven de las Cigueñas que quando el padre, y madre son viejos se quedan en el nido, en donde criaran a sus hijos, y alli los mantienen, hasta que acaben la vida, porque son aves muy agradecidas, y de mucho conocimiento.” (p.509)

¹²⁸ CORTÉS, Jerónimo - *Tratado de los animales terrestres y voláteis y sus propiedades*, Ed. Cit..

DISCURSO XIV A Coruja á Roupeira.	Capítulo XXVI Coruja (p. 513)	“El Buho es ave nocturna, y religiosa (...) y no parece de día, a causa de tener los ojos tan claros, y grandes; por lo que la luz del Sol se los perturba, y no puede ver. Dizse religiosa, porque sempre anda visitando las Iglesias, solicitando las lamparas, por beberse el azeyte.” (p. 513)
--------------------------------------	----------------------------------	--

Artigo recebido para publicação em 01/10/2023

Artigo aceite para publicação em 02/12/2023

DIVAS NO CONVENTO? CANTORAS E ORGANISTAS NO
CONVENTO DE SANTA CLARA DO PORTO (SÉCULO XVIII)ROSA MARÍA SÁNCHEZ SÁNCHEZ
CITCEM - UNIVERSIDADE DO PORTO<https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi30a6>

rosabx@gmail.com

RESUMO: O presente artigo é um resultado parcelar e preliminar, que surge na sequência de um projeto de investigação dedicado ao estudo das práticas musicais nos conventos femininos do norte de Portugal entre os séculos XVI e XIX.

Neste caso particular são abordados diversos aspetos relacionados com a atividade musical das religiosas do convento de Sta. Clara do Porto, onde cantoras e organistas recebiam recompensas de diverso teor pelo seu desempenho musical, que tinha como objetivo enaltecer as celebrações do calendário litúrgico.

PALAVRAS-CHAVE: mosteiros; freiras; música; canto; práticas musicais.

ABSTRACT: This article is a partial and preliminary result, which arises following a research project dedicated to the study of musical practices in female convents in northern Portugal between the 16th and 19th centuries. In this particular case, several aspects related to the musical activity of the nuns of the convent of Santa Clara do Porto are addressed, where singers and organists received rewards of different content for their musical performance, which aimed to enhance the celebrations of the liturgical calendar.

KEYWORDS: monasteries; nuns; music; singing; musical practices.

O conteúdo deste trabalho é um resultado parcelar do nosso projeto de investigação pós-doutoral, cujo objetivo principal visa reconstituir a paisagem histórica sonora do norte de Portugal durante a época Moderna. Neste horizonte ganham particular relevância três contextos sonoros distintos mas interligados: a atividade das capelas musicais de Porto e Braga e da Colegiada de Guimarães; a atividade musical desenvolvida nos conventos e mosteiros da região; o labor dos compositores do norte, cuja atividade abrangia, também, o ensino da música (dentro e fora do contexto religioso), a organização de eventos musicais, como mestres de cerimónias e o desempenho das funções inerentes ao cargo de Mestre de Capela.

À primeira vista, para os menos entendidos na matéria, a atividade musical no contexto conventual estaria apenas circunscrita ao canto, monofónico ou